

FOR
DR

Marta Porto

1ª edição

NÓS DO MORRO 20 ANOS

patrocínio



(X) BRASIL

Criado em 1952, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES é uma empresa pública federal que tem por objetivo apoiar ações que contribuam para o desenvolvimento do País.

Nesse sentido, o BNDES também se preocupa com o desenvolvimento da cultura nacional. Para o Banco, cultura é sinônimo de desenvolvimento.

É por isso que o BNDES é hoje um dos principais patrocinadores de projetos nas áreas de patrimônio histórico e arqueológico, acervo, cinema, livro, música, entre outras atividades culturais.

Esta edição de *Nós do Morro, 20 anos* que você tem em mãos é exemplo disso. O livro retrata duas décadas de existência do grupo de teatro que deu acesso à arte a crianças, jovens e adultos do Morro do Vidigal no Rio de Janeiro e cuja trajetória já foi apoiada pelo Banco através da sua Área Social.

O livro é uma forma de registrar as muitas histórias que o grupo Nós do Morro acumulou ao longo desse tempo, mantendo viva a experiência vitoriosa de um trabalho já consolidado e que pode estimular o surgimento de outras iniciativas do gênero. E mais que isso, é uma maneira do BNDES mais uma vez fazer parte dessa história.



Tudo começou com um sonho. Em plena efervescência cultural no Rio de Janeiro dos anos 1980, o jornalista e ator Gutí Fraga pensou em criar um grupo que pudesse tornar possível aos jovens da comunidade do Vidigal desenvolver seus talentos artísticos. A proposta era simples: formar atores, técnicos e apresentar a magia do teatro para os moradores de uma comunidade que não tinha acesso à arte.

Gutí compartilhou esse sonho com seus amigos, o iluminador Fred Pinheiro e o jornalista Luiz Paulo Corrêa e Castro, que acreditaram na proposta. Então, em 1986, surgiu o Grupo Nós do Morro. Nos anos seguintes, a professora Zezé Silva e o cenógrafo Fernando Mello da Costa passaram a compartilhar o sonho e somar esforços na direção do Grupo.

Cinco pessoas dirigem o Nós do Morro, mas inúmeras outras construíram, e ainda constroem, o cenário do grande espetáculo que são os 22 anos de montagens teatrais, filmes, projetos culturais e multiplicação de uma filosofia de convívio por meio do respeito à diversidade, solidariedade e busca da autonomia.

Cada página deste livro mostra um pouco da garra, do talento, da vibração e da dedicação de tanta gente, citada ou não nesta obra, que contribuiu para que o Nós do Morro seja hoje reconhecido no Rio de Janeiro, em outros estados brasileiros e no exterior pela qualidade do seu trabalho, feito sempre em grupo.

A todas essas pessoas o nosso agradecimento pela grandeza de terem partilhado momentos de sua vida, para que o sonho se tornasse realidade. Sem elas nada teria sido possível.

Que este livro encontre uma platéia aberta para viver todas as emoções que fizeram parte de nossa vida.



APRESEN- TAÇÃO

20

Este livro foi ele mesmo um exercício de encontro. De visões, pensamentos, formas de imaginar a estética, as narrativas e as linguagens de expressão autorais e artísticas. Como todo o exercício de diálogo, foi construído nos contrapontos, na sensibilidade de buscar acolher os vários pontos de vista, as experiências e os desejos dos autonarradores, dos narrados e dos intérpretes momentâneos da trajetória cultural e artística do Grupo Nós do Morro, que pode (e deve) ser lida a partir da diversidade de olhares que ela própria instiga.

Escolhemos traçar um caminho literário a partir da visão de Roland Barthes do escritor como “o observador que se põe na encruzilhada de todos os discursos”. Discursos que vão surgindo a partir das vozes que os constroem, os vários tipos – fundadores, críticos, ensaístas, atores e técnicos –, que fazem parte da trajetória do Grupo Nós do Morro tornando sua realidade presente em forma de linguagem.

O projeto editorial assim se cruza com a filosofia, as crenças e o fazer artístico desse fantástico Grupo

originado na favela do Vidigal, em 1986, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Uma filosofia baseada na aposta do diálogo constante entre a realidade próxima e a curiosidade pelo que se quer conhecer, pelo desejo de auto-expressão e a necessidade de deslocamento para permitir-se transitar em outros papéis e outros mundos. O Nós do Morro, desde a sua origem, se alimenta desse movimento constante de beber das fontes conhecidas – as questões e expressões da comunidade do Vidigal, da cultura popular e contemporânea – e das clássicas – as belas montagens de textos shakespearianos e de Machado de Assis –, desenvolvendo uma linguagem teatral singular e rica que dialoga com as melhores companhias teatrais do Brasil e do exterior.

É também essa crença no trânsito entre universos distintos e complementares que marca a proposta de formação implantada pelo Grupo Nós do Morro para seus jovens atores e técnicos. Disciplina, respeito, ética consigo e com os outros, leituras e ensaios incansáveis dão a tônica de um trabalho cultural sem fronteiras que crê no crescimento simbólico e artís-

tico de cada um de seus membros como elemento essencial para manter a qualidade teatral e, mais recentemente, audiovisual, do Grupo.

É essa riqueza de elementos, de vozes, de insumos que tentamos capturar com este livro. Nos últimos vinte anos, enquanto a Companhia de Teatro Nós do Morro tornava-se referência de teatro de qualidade dentro e fora do país recebendo prêmios, a trajetória do Grupo ia deixando, pelo caminho, registros variados de seu trabalho espalhados por matérias de jornais, artigos de críticos da área, fotos, filipetas, ilustrações. Com o tempo, este material cresceu tanto quanto a Companhia que compartilhou seu talento com grupos internacionais como o Royal Shakespeare Company. São mais de vinte anos de história visual reunida em cliques de bastidores, cartazes de espetáculos, figurinos, depoimentos de alunos, professores, técnicos, textos das peças e ingressos.

Este livro busca organizar esse vasto material iconográfico e dar ênfase ao diálogo que se estabelece ao longo da história do Nós do Morro entre as utopias e os sonhos dos fundadores, aqueles que interagem e contribuem para essa história e a comunidade do Vidigal, presente com a galeria de atores e técnicos e de memórias marcadas territorialmente. Se organiza através de um recurso de metalinguagem, em três seções NÓS, DO e MORRO, uma brincadeira com o nome do Grupo e com a força do processo de narrar a própria história a partir de uma visão autoral e daquela construída com base na visão do outro e do meio onde se cria e se recria diariamente.

Assim em NÓS temos a voz dos fundadores – Gutí Fraga, Luiz Paulo Corrêa e Castro, Fred Pinheiro, Fer-

nando Mello da Costa e Zezé Silva – e depoimentos de pessoas próximas que, à época, tiveram importância para a trajetória que se iniciava ali, em 1986, Amir Haddad e Marília Pêra. Em DO, dois cadernos especiais – um de ensaios, outro de críticas –, abrimos o campo de interpretação para o testemunho dos especialistas, que transitam entre a leitura estética e dramaturgicamente do trabalho artístico do Grupo – cênico e de formação – à alegoria sobre o “fato cultural” que o Nós do Morro passa a representar na cena política e social do Rio de Janeiro e do país. Esses cadernos reúnem um caleidoscópio de pensamentos que enriquecem a leitura da história do Nós do Morro, trazendo novos campos de significados à lógica dos que dela participaram ativamente.

E finalmente em MORRO, reunimos os sonhos, as esperanças, os desejos da comunidade de atores e técnicos que hoje pertencem ao Grupo Nós do Morro, a partir de seus próprios testemunhos.

Para facilitar a leitura e contextualizar a memória desses 22 anos, as seções NÓS e MORRO são introduzidas por longos prólogos, onde exploramos a cronologia dos fatos e apresentamos histórias pitorescas que marcam a trajetória do Grupo. Essas seções são complementadas com informações sobre a extensa obra teatral e a filmografia do Grupo e da Companhia Teatral Nós do Morro e a farta documentação fotográfica que acompanha cada montagem e ação do Grupo.

O resultado pode ser encontrado nestas páginas que certamente serão as primeiras de várias outras publicações que o Nós do Morro merece receber.

MARTA PORTO Rio de Janeiro, dezembro de 2008.

21

SUMÁRIO

NÓS

Capítulo 1

- 32 Prólogo
- 38 Nós por Nós
- 48 Abre o Pano
- 51 Encontros
- 52 Os Dois ou o Inglês Maquinista
- 53 Biroska
- 55 Show das Cinco
- 58 Show das Sete
- 60 Machadiando

Capítulo 2

- 64 Prólogo
- 66 No Circuito
- 66 Abalou – Um musical Funk
- 66 Hamlet
- 67 É Proibido Brincar
- 72 Noites do Vidigal
- 79 Burro Sem Rabo ou...
- 84 Sonho de uma Noite de Verão
- 88 A Frente Fria que a Chuva Traz
- 91 Os Dois Cavalheiros de Verona
- 92 Carmem de Tal
- 95 Machado a 3x4
- 96 Nós Também Temos Cinema

DO

110 Caderno de Ensaios

- 112 ENSAIO 1 – LUIZ PAULO CORRÊA E CASTRO
- 124 ENSAIO 2 – TÂNIA BRANDÃO
- 134 ENSAIO 3 – BARBARA HELIODORA
- 136 ENSAIO 4 – CICELY BERRY
- 138 ENSAIO 5 – CARLOS DIEGUES com ROSANE SVARTMAN e RAONI SEIXAS
- 144 ENSAIO 6 – BEATRIZ REZENDE
- 150 Caderno de Críticas

MORRO

Capítulo 3

- 178 Prólogo
- 203 Vozes do Morro
- 244 Quem é Quem
- 252 Principais Obras
- 262 Obra Completa
- 268 Filmografia
- 272 Premiação



PRÓLOGO

Rio de Janeiro, 1930. Na Zona Sul da cidade, entre Leblon e São Conrado, na encosta do Morro Dois Irmãos, surgem os primeiros barracos de madeira. Começa ali uma longa história. Com dias bons e outros nem tanto. A verdade é que o crescimento da favela do Vidigal parece ter sido escrito por algum dramaturgo. Porque aqui há comédia e há drama, há tragédia e há épico.

Para começar, Vidigal é sobrenome de Major. Eram dele, do Major de Milícias Nunes Vidigal, as terras na encosta do pico do Morro Dois Irmãos. Durante o Primeiro Império, o militar mandava e desmandava no local. Aos poucos, Vidigal passou a nomear a praia e, em seguida, a própria favela.

Mais tarde, quando o Império e o Major descansavam nos livros de História, era aquele pedacinho de praia o ganha-pão de uma colônia de pescadores, que dividia democraticamente o espaço com o Hotel Colonial, em 1967 substituído pelo Hotel Sheraton. Foram esses pescadores que começaram a se instalar na região, para o desespero dos especuladores imobiliários. Crescia, assim, a comunidade.

Entre as décadas de 1950 e 1970, o Vidigal resistiu bravamente a sucessivas tentativas de remoção. Em 1980, recebeu a visita do Papa João Paulo II, o que fez com que a favela ficasse conhecida como “a favela do Papa”. O cunho abençoado, no entanto, não impediu que, no princípio deste século, durante dois anos, a favela fosse palco de um dos mais cruéis episódios da guerra do tráfico.

Rio de Janeiro, 2008. O Vidigal, com aproximadamente 35 mil habitantes, continua vivendo as contradições de uma cidade violenta, mas ao mesmo tempo vê crescer, a olhos vistos, o número de pessoas comprometidas com a arte.

Em 1930, a comunidade é considerada pelo poder público um “incômodo à urbanidade”. No princípio dos anos 1940, parques proletários são construídos com o objetivo de deslocar a população instalada na favela. Entre 1941 e 1943, quatro mil pessoas são transferidas para três parques na Gávea, no Leblon e no Caju. Numa ironia do destino, a transferência acaba favorecendo a organização das comissões de moradores que passariam, desde então, a lutar com todas as forças contra as remoções.

A partir dos anos 1960, a mobilização dos líderes comunitários torna-se central no curso das favelas cariocas. Com o Golpe Militar de 1964, a política autoritária adota a remoção como alternativa para a erradicação das favelas do cenário urbano do Rio de Janeiro e investe recursos na construção de conjuntos habitacionais, para onde a população deveria ser transferida. Para não perderem seus empregos, seus bens e seus laços afetivos, os moradores de favelas batalham a fim de não serem removidos para os subúrbios. Entre 1968 e 1975, o episódio das remoções inaugura um capítulo violento da nossa História.

No Vidigal, a Associação de Moradores é fundada em 1967 e, dez anos depois, consegue impedir a derrubada de 320 barracos. O que estraga os planos da empresa imobiliária Carnel Towers, interessada em usar o terreno para a construção de um complexo hoteleiro.

Na época, o movimento da comunidade ganha força com a participação da Igreja Católica. O apoio do

Cardeal Dom Eugênio Salles e a atuação da Pastoral das Favelas exercem uma grande pressão junto ao governador e à opinião pública.

Entretanto, só em 1978, depois de uma batalha judicial que mobiliza moradores, advogados e artistas, sai o tão aguardado decreto de desapropriação para fins sociais, documento que afasta de vez o perigo da remoção.

Em 1980, algumas melhorias começam a acontecer no Vidigal. O Estado inicia os investimentos em urbanização, construção de postos de saúde e escolas e na transformação de algumas favelas em bairros. É nesse ambiente relativamente próspero que, graças ao empenho de sua população, o Vidigal é selecionado entre as demais comunidades para receber a visita do Papa João Paulo II. No entanto, o que deveria ser para o povo um encontro com a Sua Santidade, marca passagens de desapontamento. Patrulhas policiais bloqueiam a entrada do morro, a multidão se aglomera por trás do cordão de isolamento e mal consegue vislumbrar a figura do Papa, que passa rápido no carro pontifício. O trajeto que João Paulo II percorre sofrera diversas reformas. Portanto, o fato de um grupo de moradores ter ido à prefeitura solicitar que nenhum tipo de “embelezamento” fosse feito na área, para que o Papa tivesse uma “visão real da favela”, de nada adiantou.

Não há registros oficiais, mas é quase certo que a comemoração pela vitória que afasta o risco de remoção tenha acontecido no Bar-raco, entre uma saideira e outra. No final da década de 1970, é lá que se dá uma mistura

interessante. Aglutinados no bar do Seu Celeste, na parte baixa do morro, avizinham-se favelados, classe artística e abastados. O Vidigal anda partido entre a ocupação e a posse. De um lado os jovens talentos do morro, sedentos por informação e arte. De outro, a galera hippie dos prédios ao pé da encosta, em plena ebulição artística e intelectual. No meio, tradicionais famílias cujos casarões enfeitam o Vidigal até hoje.

Guti Fraga, estudante de Teatro e Jornalismo, transita livremente entre os dois grupos: o da favela e o dos prédios do condomínio Pedra Bonita, na parte baixa do morro. Mato-grossense de Alto Garças, aprendeu na infância empobrecida a não ter medo de diferenças sociais. Circula de um lado para o outro, com a mesma desenvoltura. Trazia de Goiânia não só a experiência do teatro mambembe de Hugo Zorzetti, mas também a lembrança de amizades com pessoas ricas e pobres. Para esse artista hippie, que então sobrevive com alguma dificuldade, ter ou não dinheiro no bolso jamais influenciaria sua conduta. É assim que ele conhece, no seu próprio condomínio, artistas como Gal Costa e Danilo Caymmi. O cenógrafo Fernando Mello da Costa que também é seu vizinho convida-o para auxiliá-lo na confecção de bolsas artesanais. Era o que dava um dinheirinho.

Terminada a faculdade, Gutí se dedica ao Jornalismo. Mas um jornalismo alternativo. Feito num bar-raco no alto do morro, mais exatamente onde fica uma máquina de escrever velha. É de lá que saem os textos do amigo Luiz Paulo Corrêa e Castro, ainda

um estudante de Segundo Grau (atual Ensino Médio). Nenhum dos dois poderia imaginar que uma das edições do Jornal Mural mudaria tanto as suas vidas – e a vida do Vidigal.

É claro que a visita do Papa não poderia ficar de fora da pauta do Mural. “Por que o calçamento do trajeto realizado pelo Pontífice, se as donas-de-casa, com seus filhos e latas d’água na cabeça, nunca haviam tido tal condição?”, diz o texto de Luiz Paulo, pregado em vários pontos da comunidade. A tinta é verme-lha, culpa do carbono que resolve acabar em cima da hora. Mas a polícia não entende a coincidência e assume que a publicação é comunista. Enquanto o jornal publica a manchete “O Papa nas Bocas”, Gutí é pego de surpresa no Bar-raco. À espera de sua cerveja, distraído, leva de repente um violento soco no rosto. “Isso é para você, jornalista filho-da-puta!”, grita o policial, sacando o revólver. Gutí foge e se esconde atrás de uma caixa d’água, numa laje. Fica lá por quatro ou cinco horas.

Está terminada a carreira de jornalista. Depois disso, Gutí deixa até mesmo de assinar seu verdadeiro nome, Gotschalk, que tanto lhe rendeu boas histórias na infância. Um de seus amigos ricos costumava dizer para a mãe, uma madame, que Gutí era filho de um embaixador da Alemanha. A senhora achava o máximo e convidava-o com frequência para jantar. Era sempre uma ótima pedida para matar a fome. Mas depois da censura violenta ao Jornal Mural, Gutí seria apenas Gutí, aquele que só queria fazer teatro, nada mais. O que faria uma enorme diferença.

É nesse contexto que cresce a semente de um dos mais representativos grupos de teatro do Brasil. Do encontro de artistas com a comunidade e das contradições vividas por ambos num território marcado por conflitos sociais e econômicos. Arraigado nas origens, mas sem deixar de olhar para o horizonte à frente. De longe vieram as bases de sua fundação: uma vontade irresistível de fazer arte e soltar a imaginação. Desejo lúdico e, ao mesmo tempo, sério e embasado.

Verão de 1985. Aeroporto do Galeão. Quando pisa em solo brasileiro, Gutí Fraga, ator, diretor de cena e assistente de Marília Pêra, está diferente. Desejos intranquilos acompanharam-no durante todo o trajeto Nova York–Rio. Os espetáculos da Off Broadway em salas pequenas, às vezes, com apenas dez espectadores, figurinos perfeitos e iluminação irrepreensível, mudam a sua concepção de como produzir teatro com qualidade. Deu-se o estalo. Era isso que ele queria fazer no Vidigal, mesmo que significasse abrir mão do trabalho com Marília, o primeiro que lhe dá alguma estabilidade na vida.

Não há quem não ache sua idéia insana, no mínimo descabida. Para a própria Marília é difícil entender. Mas a semente do Nós do Morro nasce ali, nas idéias que vão amadurecendo durante o voo Nova York–Rio de Janeiro. Fazer teatro **com** a comunidade, **para** a comunidade. Criar um grupo que surge a partir de artistas e platéias locais e que interage com os movimentos artísticos de fora da favela.

Guti perambula pelas vielas do Vidigal para convencer o pessoal a alternar os papos de futebol e de novela com algo que parecia ser coisa de gente rica: o teatro. Nas madrugadas encostadas no balcão de bar, ele arregimenta a equipe: Fernando Mello da Costa, cenografia; Luiz Paulo, dramaturgia e Fred Pinheiro, iluminação. Este último, colega da equipe de Marília Pêra, sobe o morro pela primeira vez.

O primeiro local de trabalho do Grupo é um tanto inusitado. O espaço na Rua Benedito Calixto pertence a um padre austríaco, o padre Leeb. Um espaço ao ar livre, onde Fred Pinheiro promete criar uma cenografia com refletores de lata.

Nas ruas do Vidigal, Gutí inicia seus primeiros garimpos. Entre os primeiros talentos locais: Tino Costa e Popia Marques, folclorizados por suas violas. Em novembro de 1986, está formado o Projeto Teatro Comunidade. O nome Nós do Morro chega um pouco depois, graças à inspiração de Seu Celeste. É no seu bar, em animada reunião com os integrantes do Grupo, que acontece o batismo.

O Projeto Teatro Comunidade, aos poucos, vai diluindo o conceito de que somente os mais abastados têm acesso à cultura. Com a iniciativa do padre, é construído um teatro com capacidade para oitenta pessoas, equipado com um sistema de iluminação alternativo composto por refletores improvisados, dois camarins e toda a estrutura necessária para o funcionamento de uma casa de espetáculos.

O padre austríaco é, sem dúvida, personagem importante nessa história de fazer teatro em plena favela. Esse padre que tanto agrada a uns, desagrada muito a outros. Mais propriamente à Igreja Católica. E da desavença entre padre Leeb e a Igreja decorrem duas conseqüências: Leeb é proibido de celebrar missas no Brasil e não obtém permissão para legalizar seu Centro Comunitário.

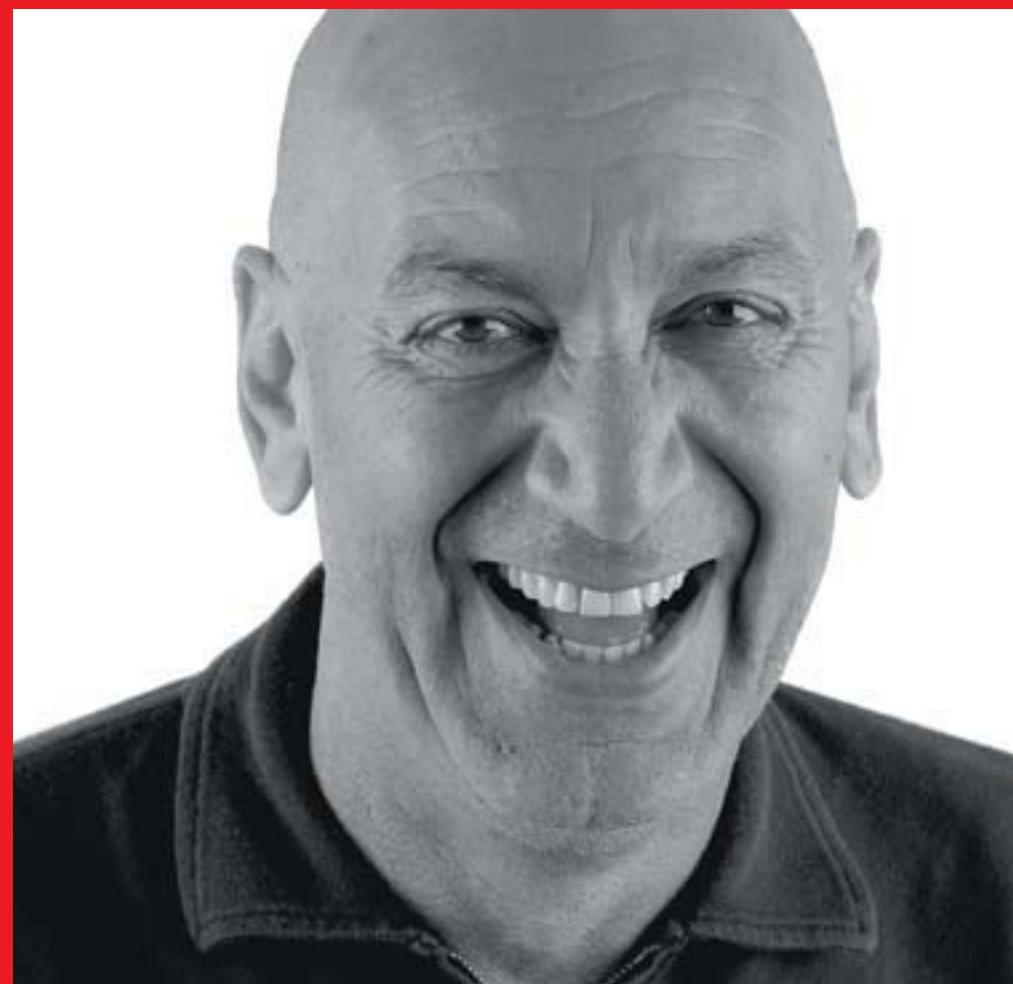
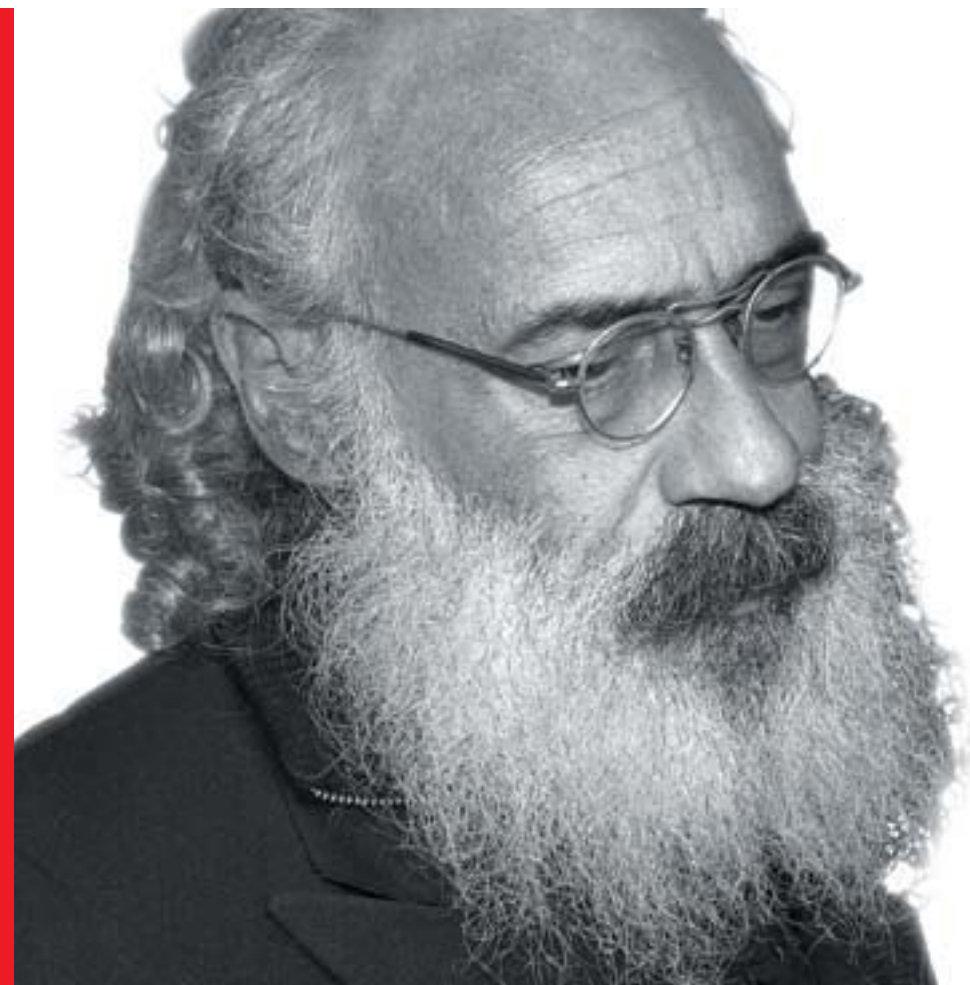
Sacerdote da Congregação dos Oblatas de São Francisco de Sales, além de missionário, jornalista, cantor, compositor, fotógrafo e escritor, Hubert Leeb ainda assume três filhos adotivos. Conhece Joana Batista Costa no Carnaval de Sergipe, em 1976. Começam a trabalhar juntos, encargo que os leva a diversos países em campanhas para arrecadação de recursos e donativos para populações pobres brasileiras. O resultado dos esforços aflora, sobretudo, no Nordeste, onde são criados postos de assistência médica e centros comunitários.

Com recursos da venda de livros e discos de autoria do próprio padre, a dupla segue para Porto do Mato, Sergipe, onde constrói um Centro Social Pastoral com toda a infra-estrutura necessária para atender a população de baixa renda. Graças à iniciativa, padre Leeb recebe, no dia 4 de novembro de 1986, o título de "cidadão estanciano". Por causa do isolamento de Porto do Mato, Leeb e Joana precisam de um ponto de administração para a convergência Europa-Nordeste. Eles adotam, portanto, o Vidigal, onde erguem

um moderno centro social. Os seis andares são ocupados por vinte apartamentos, piscina, salão de ginástica e de dança, alguns vestiários, uma varanda com mesinhas para festas e um bar. E o teatro, é claro, adaptado em plena capela.

Estaria ali naquele centro, esvaecida com a passagem dos anos, a última mensagem mística desse personagem que, por fim, adotaria Porto do Mato, no Nordeste, como exílio espiritual e missionário. É lá que ele mantém um centro social com os lucros de uma pousada.

Sentido horário: Fernando Mello da Costa, Zezé Silva, Luiz Paulo Corrêa e Castro, Fred Pinheiro e Guti Fraga.



D

O

M

O

Há quem ache que fazer arte, ver o mundo de onde o viram Shakespeare, Beethoven, Picasso ou Fellini, é para quem nasce em berço esplêndido, com o divino dom do talento e o privilégio de ouvir o secreto chamamento da vocação. Arte, dizem, não é para gente do morro – refúgio dos bárbaros urbanos, sem-lugar, sem-classe, sem-educação, sem-Estado. Eis que um grupo de artistas, sorriso sonso nas caras jovens, repete o que disse o desavisado vencedor: “Não sabia que era impossível, fui lá e fiz”.

Na Niemeyer, o carro dá as costas ao mar e entra no rebuliço da feira-livre, comércio frenético, trânsito confuso e a feira de táxis, vans e motos de aluguel para subir o morro do Vidigal. Ao afastar-se do asfalto, o coração aperta. O bombardeio de notícias sobre tiroteio e tráfico e o legado histórico de discriminação enranham o medo na alma. A maioria dos moradores é trabalhadora, honesta, pacífica, sabe-se. O olhar, porém, esquadrinha portas, janelas, becos, esquinas, guiado pelo medo nutrido de preconceito. À meia encosta, súbita bifurcação, e descortina-se o morro: ferradura de bordas altas, vale no meio, mar na abertura. À direita, casas de alvenaria, conservadas, algumas de dois andares, várias com quintais arborizados, jardins, muros e grades. À esquerda, a favela: barracos, lajes agitadas, vielas, gritos. Como a cidade, o Vidigal também é partido.

À direita, chega-se ao Casarão de dois andares do grupo Nós do Morro - num platô gramado, sob árvores, em bucólica paz. Do alto, os horizontes se alargam do céu ao mar infundos. Aqui, bárbaros urbanos rompem a restrita moldura do eventual gênio espontâneo e intuitivo e, com esforço, obstinação e disciplina, apropriam-se de Beethoven, Shakespeare, Picasso e Fellini - compartilhando o espírito universal da criação. Criar emancipa: logo começarão a discutir o divino dom do talento, o secreto chamamento da vocação e até o berço esplêndido. Este livro conta como a arte pode fecundar criativas soluções para quaisquer nós dos morros. **ALCIONE ARAÚJO**

patrocínio



NÓS DO MORRO 20 ANOS | X | BRASIL